

O concerto de hoje é inteiramente dedicado à música de compositores portugueses, e todos com ligações a Viana da Mota, quer por via da sua ação pedagógica quer por via da sua ação como diretor de orquestra. Sobre os compositores Alberto João Fernandes e José Henrique dos Santos, do qual ouviremos respetivamente uma estreia moderna e uma estreia absoluta, João Pedro Delgado nos dará conta, em primeira mão, oralmente, fruto da sua investigação.

Em finais do século XIX a vida musical portuguesa encontrava-se ainda sob o domínio da ópera italiana, com alguma intervenção francesa. Viana da Mota, pianista, pedagogo e compositor português, nascido em São Tomé, foi dos poucos músicos portugueses que seguiram o exemplo de Bomtempo na disputa pela implementação da música instrumental quer sinfónica quer de camara em Portugal, onde era quase totalmente desconhecida. Contatou com grandes meios culturais estrangeiros, onde durante cerca de trinta anos, até à primeira guerra mundial, a sua residência-base foi em Berlim. Consagrado de um grande prestígio internacional sem paralelo entre os músicos dos séculos XIX e XX, Viana da Mota fez uma carreira de pianista que, tendo como centro a capital alemã, o levou a países tão distantes como Rússia ou Estados Unidos da América. Destacou-se como intérprete das obras de Liszt, Bach e principalmente de Beethoven, o qual contava no seu repertório a integral das suas sonatas. A sua cultura partiu, em diferentes direções, incitado pela fascinação wagneriana, interessando-se por assuntos artísticos, literários, filosóficos e mesmos científicos. Nesse sentido, recebeu lições de Liszt, foi discípulo de Hans von Bülow e amigo e colaborador de Busoni. No seu regresso foi diretor do Conservatório Nacional de Lisboa, de 1919 a 1938, onde juntamente com Luís de Freitas Branco, efetuou uma importante reforma curricular que contemplou a introdução de novas disciplinas de música e cultura geral. Foi diretor da Orquestra Sinfónica de Lisboa, sucedendo a David de Sousa e fundador da Sociedade de Concertos de Lisboa, uma instituição promotora de concertos.

Viana da Mota dedicou-se à composição durante cerca de três décadas, sensivelmente entre 1875 e 1908. Embora tenha variadas fases criativas, pode-se distinguir quatro núcleos de composições. O Quarteto com Piano em Lá menor insere-se no segundo núcleo, com obras compostas entre 1884 e 1895 e que coincide maioritariamente com o seu período de formação na Alemanha. A obra foi começada em 1889, em Berlim, não tendo sido nunca terminada. No entanto é uma obra fecunda em tentativas de elaboração arrojada. Aliás, temos características de pendor mais clássico dentro da tradição Beethoveniana e outros de pendor mais audaciosos, como seja a construção, a forma, onde faz uma amplificação dos esquemas clássicos, a linguagem, com uma complexa estrutura harmónica e melódica, onde inclui elementos folclóricos, de pendor nacionalista.

Pianista, compositor, crítico musical, ensaísta e incansável opositor ao regime do Estado Novo, Lopes-Graça é o músico português mais importante da sua geração e uma das figuras mais influentes da cultura portuguesa do século XX. Nascido em Tomar, em 1906, iniciou os seus estudos musicais na sua cidade natal, tendo-os concluído no Conservatório Nacional de Lisboa, que frequentou entre 1923 e 1931, onde foi discípulo de Viana da Mota. Por causa da sua oposição ao regime foi impedido de ensinar em escolas públicas. Assim, em 1932 começou a lecionar na Academia de Música de Coimbra, cidade onde permaneceu radicado até 1936. Este primeiro período compositivo é habitual qualificar-se de *modernista*, no qual o seu estilo revela influências de Schönberg e Hindemith. Em 1937 vai para Paris, estudando Musicologia na Sorbonne e ainda Composição e Orquestração. Uma parte da sua produção desta época derivou num “nacionalismo

essencial”, caracterizado pelo tratamento do material retirado da música tradicional e pela assimilação das suas marcas harmónicas, melódicas e rítmicas. Este novo estilo de compor denota a influência de Bela Bartók e de Manuel de Falla. Lopes-Graça regressou a Lisboa em 1939, tendo retomado a sua atividade como cronista musical, musicólogo e professor e iniciando o seu labor como organizador de concertos e maestro coral. Ensinou piano, harmonia e contraponto na Academia de Amadores de Música e constituiu a sociedade *Sonata* que promoveu a apresentação de programas inteiramente preenchidos por música do século XX. O fim do Estado Novo traduziu-se no reconhecimento oficial da importância de Lopes-Graça para a cultura portuguesa.

Embora Lopes-Graça seja conhecido sobretudo pelo importante papel que teve na divulgação e estudo da canção tradicional portuguesa, e entre as suas muitas harmonizações para coro a capela e para canto e piano de canções populares, a sua obra inclui também música instrumental (Concertos para piano, para viola, para violoncelo, sonatas, quarteto de cordas e variadas composições orquestrais). Os anos 1950 e 1960 foram especialmente férteis para Lopes-Graça, pertencendo a estas duas décadas a grande maioria da sua produção instrumental. *A Suíte Rústica nº 2*, de 1965, para Quarteto de cordas, com o subtítulo “sobre cantos e danças tradicionais” denota uma forte influência de Bartók, caracterizado pelo tratamento do material retirado da música tradicional, ostentando, contudo, um vocabulário melódico muito específico do compositor português, sendo uma obra de síntese, conciliando as grandes linhas de desenvolvimento da sua linguagem. Tal como em outras obras da mesma época, uma certa nostalgia impera, como no andamento «malinconico» e na canção de ninar «in modo di ninna nanna», mas é intercalado por momentos alegres, de dança e divertimento «scherzoso» e da imitação do canto dos pássaros «gaio».

Luísa Correia Castilho